



Programação do 67º Seminário do GEL- UNESP/São José do Rio Preto

Horário	16/jul.		
16:00 às 17:00	Sessão de abertura: Homenagem aos membros das ex-diretorias do GEL Prof. Dr. Ataliba de Castilho (USP/UNICAMP) e Prof. Dr. Francisco da Silva Borba (UNESP/Araraquara)		
17:00 às 18:30	Mesa de abertura: “50 anos do GEL: história e desafios” Profa. Dra. Olga Coelho (USP) e Profa. Dra. Cristina Altman (USP)		
19:00 às 21:00	Jantar dos 50 anos do GEL (por adesão)		
Horário	17/jul	18/jul	19/jul
7:30 às 8:00	Entrega de Material		
8:00 às 10:00	Simpósios de convidados 1 a 4 Simpósios propostos Comunicação individual	Simpósios de convidados 5 a 8 Simpósios propostos Comunicação individual	Simpósios de convidados 9 a 12 Simpósios propostos Comunicação individual
10:00 às 10:30	Coffee break	Painéis com coffee break	Painéis com coffee break
10:30 às 12:00	Mesa 1: História do Português Brasileiro Prof. Dr. Ataliba de Castilho (UNICAMP/USP) Mesa 2: Políticas linguísticas no Brasil Profa. Dra. Simone Sarmento (UFRGS) e Profa. Dra. Rosângela Hammes Rodrigues (UFSC)	Comunicação individual	Conferência 3: Ensino e formação de professor bilíngue Profa. Dra. Enilde Leite de Jesus Faulstich (UnB) Conferência 4: Discurso e Ensino Profa. Dra. Cecília Goulard (UFF)
12:00 às 14:00	Almoço	Almoço	Almoço
14:00 às 16:00	Simpósios de convidados 1 a 4 Simpósios propostos Comunicação individual	Simpósios de convidados 5 a 8 Simpósios propostos Comunicação individual	Simpósios propostos 9 a 12 Simpósios propostos Comunicações individuais
16:00 às 16:30	Painéis com coffee break	Painéis com coffee break	Painéis com coffee break
16:30 às 18:00	Mesa 3: Research on telecollaboration and foreign language learning Prof. Dr. Timothy Lewis (Open University-Reino Unido) e Profa. Dra. Solange Aranha (UNESP-SJRP) Conferência 1: Aquisição da linguagem Profa. Dra. Carmen Matzenauer (UCPel)	Conferência 2: Acessibilidade textual e terminológica Profa. Dra. Maria José Finatto (UFRGS) Mesa 4: Escrita e Letramento(s) Profa. Dra. Leda Tfouni (USP-RP) e Prof. Dr. Manoel Correa (USP-SP)	Conferência de encerramento: O processo de internacionalização das universidades brasileiras e o ensino e aprendizagem de línguas: críticas, perspectivas e desafios Matilde Scaramucci (UNICAMP)
18:00 às 19:00	Lançamento de livros & Coquetel		
18:30	Assembleia do GEL		

RESUMOS DAS APRESENTAÇÕES (Ordenados cronologicamente)

CONFERÊNCIAS E MESAS-REDONDAS

Mesa de abertura: “50 anos do GEL: histórias e desafios”

16 de julho de 2019 – 17h

Formação de grupos em ciências da linguagem: o caso do GEL

Profa. Dra. Cristina Altman (USP)

A geração de linguistas que atingiu a maturidade acadêmica na virada do século XXI é, do ponto de vista da formação de uma memória das ciências da linguagem no Brasil, bastante especial. Com efeito, esta geração foi a primeira a testemunhar a expansão das universidades brasileiras nos anos 1960 e 1970; a primeira a participar ativamente da institucionalização de uma disciplina Linguística autônoma em todas as Faculdades de Letras do país e aquela que promoveu a criação, publicação e circulação de uma produção monográfica e periódica em Linguística. Fundadora de ‘novos’ valores intelectuais e institucionais, a geração que inventou o GEL contribuiu para que as expectativas (e as coerções) sobre o trabalho acadêmico mudassem de eixo. Certamente, o pequeno grupo de jovens professores universitários — Ataliba Teixeira de Castilho, USP e UNICAMP (então, de Marília), Cidmar Teodoro Pais, USP (1940-2009), Francisco da Silva Borba, Araraquara; Ignácio Assis da Silva, São José do Rio Preto (?-?) e João de Almeida, Assis (?-?)— que se reuniu em Araraquara, em 1969, juntamente com alguns alunos, no primeiro seminário do GEL, nunca poderia imaginar que a iniciativa assumisse a extensão que vemos hoje. Estimulados pelo velho mestre, Isaac Nicolau Salum, USP (1913-1993), o grupo pretendia a criação de um espaço que propiciasse a veiculação e principalmente, a convergência das ‘novas’ ideias em matéria de ciência da linguagem, que então mal começavam a delinear-se no contexto brasileiro. Desde então, o GEL tem exercido, ininterruptamente, essa função. O objetivo dessa fala é revisitar a história do GEL, que se confunde com a história das mudanças relativas à concepção dos problemas e das formas de tratamento do objeto linguagem e com a história da institucionalização e profissionalização da Linguística no Brasil.

50 anos do GEL: caminhos da linguística em São Paulo

Profa. Dra. Olga Coelho (CEDOCH-USP)

Há 25 anos, participávamos de uma pesquisa que analisou todas as comunicações publicadas nos *Estudos Linguísticos: Anais de seminários do GEL*. Naquele mapeamento, identificamos certos caminhos percorridos pela Linguística no âmbito deste Grupo, em muito similares aos que temos identificado na Linguística brasileira. Por exemplo, comprovamos maciça preferência pelo estudo do Português (mais de 83% das comunicações publicadas) em contraste com a quase ausência de exames de dados de línguas indígenas (cerca de 4%). Também verificamos um claro deslocamento da ‘incidência’: em um primeiro momento (1974-1984), deu-se em maior atenção aos domínios da palavra e da sentença, para, em momento posterior (1985-1992), as atenções se voltarem preponderantemente para os textos e discursos.

Nesta apresentação, pretendemos completar aquele primeiro mapeamento de natureza ‘interna’ e expandir a análise em direção a aspectos dos contextos de produção, examinando: 1) depoimentos/demandas recentemente produzidos por membros das diretorias e por outros participantes dessa comunidade de linguistas; 2) a documentação oficial do GEL, arquivada no CEDAE-Unicamp; 3) os textos veiculados entre 1993 e 2018 nas publicações do GEL (*Estudos Linguísticos. Anais de seminários do GEL, Revista de Estudos Linguísticos e Revista do GEL*). Desse novo exame, deve resultar um mapeamento amplo de perfis, aspirações, tendências e lacunas neste meio século do Grupo. Tal mapeamento, por sua vez, poderá permitir reflexões fundamentadas acerca de traços identitários do GEL e de suas perspectivas (postas ou desejáveis) para os próximos anos.

Mesa-redonda 1: História do Português Brasileiro

17 de julho de 2019 – 10h30

Diacronia dos pronomes pessoais nas perspectivas funcionalista e gerativista

Prof. Dr. Ataliba T. de Castilho (USP/UNICAMP)

Numa pesquisa sobre a história do Português Brasileiro, não poderiam faltar capítulos sobre os pronomes pessoais, tão grandes têm sido as mudanças nessa classe de palavras. Na perspectiva funcionalista, Célia Regina Lopes et alii escreveram um ensaio sobre “A reorganização do sistema pronominal da 2ª pessoa: a posição de sujeito”. Os autores mostram que o paradigma pronominal [no PB] reflete um sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas gramaticais. *Você* e *tu* coexistem no singular, e *vocês* é categórico no plural na posição de sujeito. Nas demais posições, nem os pronomes complemento *o/a/os/as* nem o possessivo *vossa* se mantiveram produtivos. Na amostra do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte os autores notaram uma perda gradativa do pronome *tu* em detrimento da nova forma gramaticalizada *você* majoritariamente na primeira metade do século XX. O uso de *tu* foi registrado em relações assimétricas descendentes e/ou em relações simétricas mais solidárias nas cartas do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte. A forma *você* foi encontrada, por sua vez, em relações assimétricas (ascendentes e descendentes) e/ou nas relações simétricas (mais ou menos solidárias) nas amostras do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Na perspectiva gerativista, Marco Antonio Martins analisa a sintaxe dos pronomes pessoais clíticos, em diferentes ambientes verbais, envolvendo tanto as formas finitas simples quanto os grupos constituídos de auxiliar/modal/aspectual e verbo principal, na escrita brasileira culta que circulou em jornais em diferentes Estados, nos séculos XIX e XX. A hipótese central do trabalho é a de que o complexo quadro que envolve a sintaxe dos pronomes pessoais clíticos na escrita brasileira, sobretudo no século XIX, é o reflexo de diferentes padrões gerados por distintas gramáticas do português – do português clássico (PC), do português europeu (PE) e do PB. Mudanças paramétricas no componente sintático e no componente morfológico que estão associadas às gramáticas do PE e do PB, a partir da gramática do PC, definem diferentes posições para os clíticos na estrutura da sentença e para a sua colocação em próclise ou em ênclise em relação ao seu hospedeiro.

Referências:

- ILARI, R.; BASSO, R. (Coord.) **Semântica diacrônica do português brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, vol. 11 da série História do Português Brasileiro, no prelo.
- LOPES, C. R. (Coord.) **Mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista**. São Paulo: Editora Contexto, 2018, vol. 4 da série História do Português Brasileiro.
- CYRINO, S.; TORRES MORAIS, M. A. (Coord.) **Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista**. São Paulo: Editora Contexto, 2018, vol. 6 da série História do Português Brasileiro.

Mesa-redonda 2: Políticas Linguísticas no Brasil

17 de julho de 2019 – 10h30

Políticas linguísticas no Brasil: um olhar sobre a reforma do ensino médio

Prof. Dra. Simone Sarmento (UFRGS)

Política linguística no Brasil: perspectivas sobre os documentos oficiais e a reforma do ensino médio

Políticas Educacionais Linguísticas (PEL) (Shohamy, 2006) referem-se a mecanismos usados para criar práticas de linguagem de facto em instituições de ensino. Na maioria dos países com sistemas educacionais centralizados, como é o caso do Brasil, decisões relacionadas às PEL são tomadas por órgãos governamentais. Tal foi o caso da Reforma do Ensino Médio, instituída através da Medida Provisória 746/2016 e consolidada através da Lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017, que impôs mudanças substanciais no que se refere ao ensino de línguas. A língua inglesa torna-se obrigatória, podendo outras línguas serem também ofertadas, com preferência pelo espanhol. Há o estabelecimento de cinco itinerários formativos, sendo “línguas e suas tecnologias” um deles com a obrigatoriedade de que 60% da carga horária seja ocupada por conteúdos comuns da BNCC. Dessa forma, este trabalho tem por objetivo discutir as possíveis implicações de tal Reforma para a formação integral do aluno, com foco especial na área das línguas.

Políticas linguísticas educacionais no Brasil: perspectivas sobre a reforma do ensino médio e os documentos oficiais

Rosângela Hammes Rodrigues (UFSC)

Tratar de políticas linguísticas educacionais é um tema complexo porque nela atuam agentes e forças que transcendem a esfera escolar, pois em cada momento histórico agem diferentes forças econômicas, científicas, políticas, religiosas, etc. E é nesse embate, normalmente de vozes e forças desiguais, que se delineiam as políticas educacionais e os documentos oficiais de ensino. Ao olhar a questão de outro posto de observação, podemos dizer que sobre elas agem dois grupos de forças: a) as externas à escola e aos estudos da língua, que envolvem as acima citadas, de modo especial, a força econômica, que tem sua visão de sujeito no mundo e da finalidade da escola; e as internas aos estudos da língua e à escola, que compreendem embates dentro da ciência e entre a ciência e a escola, que também envolvem uma concepção de língua, de sujeito e de escola, bem como uma concepção de ensino de línguas: sua finalidade, seus conteúdos etc. Nessa perspectiva, objetivo discutir a recente reforma do Ensino Médio (EM), mais especificamente a Base Nacional Curricular Comum – EM (BNCC), buscando compreender a atuação dessas diferentes forças presentes nos discursos desse documento sobre os objetivos da educação, de modo especial do EM, e do ensino de língua nesse nível de escolaridade. Quando necessário, faço remissão à constituição do Ensino Médio no Brasil e a reformas educacionais recentes de outros países.

Mesa-redonda 3: Research on telecollaboration and foreign language learning

18 de julho de 2019 – 16h30

Assessing the effectiveness of telecollaboration

Prof. Dr. Timothy Lewis (Open University - Londres)

Education researchers and practitioners have been developing and testing a range of measurement approaches aiming to capture relative improvements in each individual student's learning (e.g., Cahill et al., 2014; Hake, 1998; Mortensen & Nicholson, 2015). One commonly used approach is termed 'learning gains', which can be defined as

growth or change in knowledge, skills, and abilities over time (e.g., Cronbach & Furby, 1970; Linn & Slinde, 1977; Lord, 1956, 1958). This presentation will outline and place in the perspective work that is being undertaken as part of the EVALUATE project on approaches to data collection and data analysis. This presentation will cover a variety of quantitative and qualitative approaches as well as common research design shortcomings.

MulTeC (Multimodal Teletandem *corpus*): expanding the understanding of collaborative learning

Profa. Dra. Solange Aranha (UNESP/IBILCE)

Institutional integrated teletandem modality is carried out by telecollaborative partnerships between Brazilian students who are learning a foreign language and foreign students who are learning Portuguese. The activities are developed through VOIP synchronous tools, are linked to the curriculum and organized to fulfill the learning needs of students. They also follow the main principles of tandem practice: separation of languages, autonomy and reciprocity. As well as engaging in spoken interaction, Brazilian participants write, in English, up to eight reflective diary entries, plus three texts on topics dealt with in their FL course. These are then shared with their L1 English tandem partner, who comments on and revises them. The revisions that have been made to the text are then discussed as part of their next Teletandem oral session and a final, collaborative, version of the text is produced. This means that Teletandem activity addresses all four macro skills and many other aspects of language and culture. The objectives of this presentation are: (i) show how the genres inherent to this activity were organized into a researchable corpus (ii) propose that teletandem context is formed by a system of tasks; (iii) indicate new routes adopted to data collection after this first corpus on telecollaborative learning. In the integrated modality, the corpus comprises 486 hours of video recordings Teletandem Oral Sessions, involving 11 groups (= 224 participants), archived text chats, responses to pre- and post-questionnaires; up to eight reflective journal entries (predominantly in L2 English) and up to 9 written texts per participant (including partners' revisions and final versions).

Conferência 1: Aquisição da Linguagem

17 de julho de 2019 – 16h30

Aquisição da linguagem

Profa. Dra. Carmen Matzenauer (UCPel)

O foco da apresentação está na gramática, vista como uma das propriedades fundamentais da possibilidade de uma língua ser aprendida. No processo de aquisição da linguagem, a construção do conhecimento linguístico pela criança até chegar à gramática da língua alvo exige a percepção e a produção das unidades do sistema e das relações entre elas estabelecidas, o que atribui alta complexidade ao processo. A observação do desenvolvimento do componente fonológico da língua é privilegiada no sentido de oferecer evidências para a discussão sobre a natureza do processo de aquisição de uma língua, permitindo também a visão de fenômenos da(s) gramática(s) das crianças com o suporte de teorias fonológicas.

Conferência 2: Acessibilidade textual e terminológica

18 de julho de 2019 – 16h30

Acessibilidade textual e terminológica: promovendo a tradução intralinguística

Profa. Dra. Maria José Bocorny Finatto (UFRGS)

Esta apresentação visa a situar e a divulgar uma relativamente nova tendência de pesquisa em Terminologia, pelo menos no âmbito brasileiro, a qual tende a extrapolar o usual reconhecimento de termos e de conceitos para a organização de glossários ou base de dados terminológicos. Seu foco são questões associadas à promoção da acessibilidade textual e terminológica, colocando-se orientações linguísticas, teóricas e metodológicas para guiar processos de composição de textos facilitados sobre temas científicos e tecnológicos dirigidos para diferentes perfis de usuários-leitores, com destaque para o atendimento de necessidades de informação de trabalhadores adultos com escolaridade limitada e pouca experiência de leitura. A partir de descrições de *corpora* compostos por textos de divulgação científica para leigos, considerados mais e menos complexos, em diferentes aspectos, são avaliados diferentes processos de “reescrita para a simplificação”. Esses processos envolvem a adaptação do léxico, das terminologias e da tessitura textual como um todo, aproximando-os do padrão da “língua” mais familiar aos leitores-alvo, o que pode ser aproximado a uma ideia de “tradução intralinguística” (ZETHSEN, 2009; JAKOBSON, 1959). Com esse encaminhamento investigativo, busca-se refletir sobre a promoção da acessibilidade mediada por um tal tipo de “tradução”. A apresentação sintetiza alguns estudos já realizados junto ao Projeto TEXTECC (<http://www.ufrgs.br/textecc/>), com destaque para os seguintes: a) a pesquisa intitulada “Acessibilidade Textual e Terminológica”, que lida com a facilitação de textos da área de Saúde e de outras áreas de interesse público; e, b) a investigação “Terminologia Histórica”, na qual se estudam textos antigos de Medicina, escritos em português no século XVIII, publicados, justamente, para auxiliar pessoas que tratavam de doentes e que tinham “erudição” limitada. A apresentação é concluída com a indicação de perspectivas e de desafios para tal tipo de investigação, levantando-se algumas comparações entre a tradução interlinguística e a tradução intralinguística, a que visa à acessibilidade, considerando-se uma tendência de ambas lidarem com problemas de ordem semelhante, ainda que plenamente diferenciadas.

Referências:

JAKOBSON, R. (2012 [1959]) On linguistic aspects of translation. In: LAWRENCE VENUTI, ed. **The Translation Studies Reader**. London: Routledge, 126-131.
ZETHSEN, K. (2009). Intralingual Translation: An Attempt at Description. **Meta**, 54(4), 795–812.

Mesa-redonda 4: Escrita e Letramento(s)

18 de julho de 2019 – 16h30

Letramento, alfabetização e o cotidiano: vozes dispersas, caminhos alternativos

Profa. Dra. Leda Verdiani Tfouni (USP/CNPq)

Nesta apresentação, defenderemos que as práticas de letramento são determinadas pelo valor sociopolítico da decifração do Outro, seja dentro ou fora da escola. Empreendemos uma retomada da consolidação no Brasil de um campo de estudos sobre letramento, apoiados nos fundamentos da Análise do Discurso pècheutiana e da Psicanálise lacaniana, filiando-nos aos postulados de Tfouni sobre letramento. Apresentamos a análise de recortes de uma Coletânea de textos do Programa de Professores Alfabetizadores (PROFA/INEP/MEC) e de falas de professores alfabetizadores, que compõem no cotidiano um mosaico de vozes dispersas sobre a questão. Concluímos que essa aparente dispersão sustenta, de modo disfarçado, o fortalecimento de um sentido de letramento alinhado à ideologia da decodificação, sendo que disso resultam alguns retrocessos decisivos nesse campo de estudos.

Bispo do rosário: lições tiradas de sua escrita

Prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa (USP/CNPq)

Tomo, como ponto de partida, os processos de decifração e de decodificação como polos opostos de máxima e mínima opacificação quanto à leitura (KOMESU e CORRÊA, 2018). Considero, em particular, que o trabalho de decifração é exigido sempre que o objeto dado à leitura resiste à atribuição imediata de sentido, caso em que esse trabalho não se baseia no domínio de um código, mas na busca da opacidade produzida pelo enredamento entre língua e história. Buscando compreender (e aprender

com) a escrita de Bispo do Rosário, esta apresentação procura decifrar, em produções de cunho artístico ou de cunho aparentemente preparatório para a produção artística, o seu trabalho de escrita, envolvendo espaço em branco, grafismos e o aspecto performativo da linguagem de modo a tirar lições úteis à compreensão da própria escrita e a seu ensino.

Conferência 3: Ensino e formação do professor bilíngue

19 de julho de 2019 – 10h30

Ensino e formação de professor bilíngue: Língua de Sinais Brasileira-Português como Segunda Língua [LSB-PSL]

Profa. Dra. Enilde Leite de Jesus Faulstich (UnB)

A formação de docentes para o ensino do par LSB-PSL deve prever profissionais com competências específicas que o habilitem para o ensino das duas línguas de modalidades diferentes. Nesta conferência, discutiremos como numa licenciatura bilíngue a formação habilita professores para a prática docente em duas, ou mais, línguas concomitantemente, ao considerar a ação didática e a ética profissional, de um lado e, de outro, o tempo necessário que professores e estudantes têm para, em sala de aula, repassar e abstrair os conhecimentos em línguas distintas. Investigamos se, no eixo da formação dos futuros professores de LSB-PSL, há um espaço vazio, que precisa ser preenchido pelos docentes responsáveis pelas disciplinas; esse eixo é formado por *experiência de ensino – ações metodológicas eficazes e planejadas com vistas à compreensão sustentável de línguas e de linguagens – avaliação constante da aprendizagem de conteúdos abstratos*. No caso das duas línguas aqui enunciadas LSB-PSL, é preciso considerar aspectos de fundamentação teórica e de aplicação prática, quais sejam: i) como um **estudante surdo** aprende a LSB num curso de nível superior, quando ele já traz do ensino básico um conhecimento escolar da sua Língua 1? ii) como um estudante **não surdo** aprende a LSB num curso de nível superior, quando ele vem do ensino básico sem conhecimento escolar da L1 dos surdos? iii) como um **estudante surdo** aprende a L2 – português na modalidade escrita – num curso de nível superior, quando ele vem do ensino básico com conhecimento escolar deficiente do português? iv) como um estudante **não surdo** de nível superior aprende a modalidade escrita do português como L2 para ensinar para surdos? Essas questões exigem reflexão, para que sejam planejadas ações de ensino e de aprendizagem que fortaleçam, pelos meios escolares, o bilinguismo de surdos e de não surdos no país.

Conferência 4: Discurso e Ensino

19 de julho de 2019 – 10h30

Discurso e ensino: diretrizes para conceber novos significados para a escola na contemporaneidade

Profa. Dra. Cecília Goulart (UFF)

A escola é o espaço em que aprendemos sobre o mundo e sobre a ação dos homens no mundo. Espaço de vida pública, coletiva, em que cada integrante se recria, conhecendo e renovando possibilidades e limites. Cada um se universaliza e se individualiza, se identifica e se diferencia. A escola é lugar de ensino e aprendizagem, espaço de conhecimento da história do ser humano e de seus conhecimentos e, ao mesmo tempo, de produção de novos conhecimentos e novas possibilidades de vida. Preenchido por palavras, enunciados de seus sujeitos, constitui-se em arena em que processos de ensino e aprendizagem acontecem. O objetivo da exposição é apresentar diretrizes de uma concepção discursiva da escola, pressupondo que todo/a professor/professora é professor de linguagem. Fundamentadas na teoria da enunciação do Círculo de Bakhtin, serão focalizados, ainda que brevemente, dados de estudos sobre o trabalho com a oralidade, a leitura e a escrita, na educação infantil, no processo de alfabetização e nas áreas de ensino de História, Física e Ciências, em que alunos estão aprofundando conhecimentos sobre o universo letrado. É a coordenada discursiva que atravessa e encorpa todo esse trabalho, fermentando tanto discursos de autoridade, já constituídos, portanto, mas ainda assim em movimento, quanto novos discursos e novos sentidos. Novas relações e novas argumentações se constituem nesses processos, trazendo olhares que podem contribuir com novos significados para a escola na contemporaneidade.

Conferência de encerramento:

19 de julho de 2019 – 16h30

O processo de internacionalização das universidades brasileiras e o ensino e aprendizagem de línguas: críticas, perspectivas e desafios

Profa. Dra. Matilde Scaramucci

Nesta apresentação, meu objetivo é fazer uma análise crítica do processo de internacionalização de nossas universidades, destacando o importante papel que o ensino e a aprendizagem de línguas desempenham nesse processo. Questões relativas à falta de um conceito de internacionalização para embasar ações -- muitas vezes entendido apenas como intercâmbio de alunos -- e de políticas de línguas alinhadas a esse conceito que possam envolver toda a comunidade acadêmica têm levado a uma simplificação do processo de internacionalização e a um ensino de línguas que não tem sido capaz de aumentar nossos níveis de letramento acadêmico, dificultando a disseminação da produção acadêmica brasileira em nível internacional. Um dos nossos maiores desafios, entretanto, não é apenas oferecer um ensino de inglês (e de outras línguas estrangeiras) de qualidade, que permita aos aprendizes brasileiros serem capazes de usar a língua para desempenhar ações no mundo acadêmico e profissional mas, ao mesmo tempo, incentivar políticas de promoção do português -- através de publicações bilíngues, por exemplo -- de forma que possa, cada vez mais, também ser reconhecido e valorizado como uma “língua da ciência”.